

Stadium

N.º 290

23 de Junho de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



O Futebol Clube do Porto ficou este ano em 4.º lugar no Campeonato Nacional. A sua presença nos campos é sempre motivo de agrado, uma vez que não se desconhece o seu valor nem se duvida do entusiasmo que sempre empresta às competições em que toma parte



Maquette iluminada do Palácio de Desportos do Porto grandioso projecto da autoria do architecto Artur de Andrade, vendo-se em primeiro plano a piscina e em segundo a grande nave

Jogaram oito e passaram quatro

O Marítimo, do Funchal, não conseguiu vencer na primeira prova de exame, o Benfica triunfou dificilmente, Belenenses e Sporting não tiveram obstáculos de categoria

Crónica de RODRIGUES TELES

E ficaram 4, E' a lei da «Taça de Portugal». Na última jornada tombaram mais quatro equipas. — Marítimo, Oliveirense, Portimonense e Atlético, e ficaram no lote até domingo, 3 boas equipas da 1.ª Divisão Nacional, as melhores, e ainda o brioso Barreirense, da 2.ª, que já teve a honra de eliminar o Vitória de Setúbal, o F. C. do Porto e o campeão da Madeira.

Os resultados estavam mais ou menos previstos, agora o jogo marcado para o campo do Barreirense. Não se conhece, evidentemente, o valor dos lanchalenses, e por isso o ambiente de curiosidade que se mantinha à sua volta. Quanto aos outros jogos, poucos aguardavam (os nenhanos), vitórias do Portimonense e do Oliveirense; já o Atlético, claro está, seria capaz de dificultar a vitória do Benfica. E dificultou mesmo.

Os resultados:
Portimonense 1 — Sporting... 6
Belenenses... 8 — Oliveirense 1
Barreirense... 2 — Marítimo... 0
Atlético... 1 — Benfica... 2

O Sporting era favorito em Portimão. Enquanto que a maioria das nossas equipas baixaram, exgotadas ou carecidas de classe, o clube leonino, mantém-se com galhardia e disposto a ganhar a «Taça».

Contra o Portimonense, segundo a crítica, salienta-se mais uma vez o poder rematador de Peyroteo, pois obteve 5 dos 6 tentos da sua equipa! Mas o team suportou muito bem as cargas de um adversário algo disposto para a luta. Jogando com serenidade, dando tempo ao tempo, o Sporting soube construir a vitória e impor-se à equipa algarvia, cujo comportamento, entretanto, é digno dos melhores elogios.

As equipas alinharam:
Sporting — Azevedo; Cardoso, Manoel Marques e Javental; Canário e Veríssimo; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travaços e Albano.
Portimonense — Velhinho; Pintado, Vitória e Vicente; Resende e Cotinana; António Joaquim, Jesus Gilberto, Dellino e Peixão.
Árbitro: Cunha Pinto (Setúbal).

No Barreiro jogava-se o desafio da cariosidade. Muita gente se deslocou de Lisboa para apreciar o valor do Marítimo, e sabe-se que alguns dos seus jogadores eram visados pelos elementos

barreirense, ganhando por 2-0, não nos impressionou. Esperávamos francamente mais, embora o seu grupo se haja comportado como vencedor justo. A equipa precisa, entretanto, de corrigir certos excessos de entusiasmo, pois alguns elementos lartaram-se de embaraçar a acção do árbitro, que foi imparcial e enérgico — pése à melhoria, demisnadamente interessada na sorte da luta.

Os lanchalenses fizeram quanto lhes era possível para ganhar o desafio, e chegaram a ter o comando da partida. Remataram, porém, muito mal. Além disso, sofreram dois tentos «desgraçados»: o primeiro, por desatenção

SEPARATAS

a côres

do SPORTING e do BENFICA

Sai a primeira no n.º 292 de 7 de Julho próximo

O preço da Revista não sofre aumento
— Esc. 2\$50 —

Aos nossos Agentes pedimos que nos indiquem com a devida antecedência a quantidade de exemplares que desejam. Os particulares devem fazer os seus pedidos acompanhados do custo da Revista.

mais ou menos escolhidos para dar a última opinião... Porém, para já, talvez não tivessem encontrado nada. Para falar, isso sim... Alguns elementos do Marítimo, após dois anos de trabalho, podem atingir boa classe.

Mes vamos ao valor demonstrado pelas duas equipas. O Bar-

reira defesa à «sida» do ataque barreirense, na segunda parte: o segundo, por brinde do seu guarda-rede.

A equipa é logosa, caminhando sempre para a bola o mais enérgicamente possível. Mas os seus jogadores, para sangue na maioria, sabem pouco dos golpes táticos, do emprego do corpo na melhor altura. Alguns dos seus adversários, levando a palma no traque, deram ao público a ideia de serem vítimas de qualquer violência — o que não se dava. Isto revela, simplesmente, a inocência de alguns madeirenses. E, ao mesmo tempo, a maneira segura como o árbitro compreendeu os lances e as intenções.

De certeza, se alguém foi no Barreiro para «prescar», terá de pensar duas vezes. Jogador feito — não encontra. Mas via uma equipa que deve ter precisão de adversários para dar toda a medida das suas possibilidades.

Os grupos:
Barreirense — Francisco Silva; Reis, Pascoal e Carlos Silva; Gervásio e Ricardo Vale; Magno, Pedro Pirezo, Baptista, Martins e Alves da Silva.

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.ª
Telefone: 31187 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA
NEGOCIÁVELA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Marítimo — Manuel Gonçalves; Mário Polchão, Jaime Freitas Sousa e Armando Silva; João Correia e Ernesto Silva; José Santos, José Abreu, António Tremar, Real Tremara e Alberto Carvalho.
Árbitro — António Rodrigues dos Santos, de Lisboa.

PODERIA admitir-se um jogo difícil para o Benfica. A equipa do Atlético, disposta a jogar, é capaz de surpreender o mais forte, e para o seu campo da Tapadinha nenhum adversário se desloca sem apreensões.

Assim aconteceu. Embora o Benfica tivesse ganho o jogo e a pressão dos meios finais, viu-se e desejou-se para dominar os alentejanenses. O desafio não agradou, pois apenas a exibição de um ou de outro jogador, e de Rogério, especialmente, pôde manter o interesse do público.

O calor apouca a já os elementos de cada equipa, e advinha-se neles o desejo de ir para a praia...

Eis as equipas:
Benfica — Pinto Machado; Jacinto, António Maria e Fernandes; Moreira e Francisco Ferreira; Rogério; Arsénio, Jallo, Melão e Vitor Baptista.

Atlético — Correia; Baptista, Armindo e Gregório; José Lopes e Moraes; Simões, Martinho, tal, David e Conlhas.

Árbitro — Libertino Domingues (A. F. Setúbal).

VENECO o Belenenses sem dificuldades. A equipa de Oliveira de Azeméis cedeu logo que o adversário «meteu o prego a fundo», e quando ficou redazida a 9 homens sentia ainda maiores dificuldades.

Pode dizer-se: nada de novo em Belém...

Alinharam:
Belenenses — Sérgio; Vasco, Feliciano e Serafim; Amaro e Figueiredo; Matos, Nunes, Teixeira da Silva, Pinto de Almeida e Narciso.

Oliveirense — Teixeira; Henrique e Joaquim; Santos, Oliveira e Eurico; Correia, João Tavares, Costa, Silva e Armando.

Árbitro — Reis Santos (Santarém).

da **Stadium**
publicamos hoje o n.º 10
de «O futebol é a minha profissão»



A TEMPORADA OFICIAL

começou bem para o B. S. B.

Os campeonatos de principiantes, disputados na pista do Lumiar em abertura da época foram uma organização agradável, bem guiada na condução das provas, mas com algumas deficiências que poderiam ter sido evitadas com um pouco de atenção dos dirigentes em campo.

A concorrência de participantes foi muito escassa para a categoria, mas os resultados apreciáveis, embora nos atletas se notasse, na generalidade, maior tributo de classe do que de aperfeiçoamento técnico.

As condições atmosféricas, boas no primeiro dia, foram péssimas na segunda jornada devido ao vento ciclónico que varreu a pista. Não devia ser agradável a permanência no campo com a ventania de domingo; isso não impediu, porém, que por lá andassem pessoas sem conto e sem funções determinadas, dando aos espectadores a lamentável impressão de confusão.

O vento faleou também, com a colaboração do júri, o resultado da corrida de barreiras, cujo vencedor beneficiou da queda da quarta barreira antes da sua passagem, o que lhe poupou uma elevação e lucro de distância que lhe permitiu passar

do segundo para o primeiro lugar. O incidente devia ser motivo bastante para anulação e repetição da prova, pelo involuntário favor concedido a um dos participantes.

Mais uma vez — já não têm conta as vezes — se assistiu ao divertido espectáculo das tais barreiras regulamentares que caem ao sopro do vento como castelos de cartas.

Entre os classificados nas várias corridas e concursos apareceram rapazes com reais qualidades: Calça e Pina, Rasquilho Raposo, José Ferreira, José Fernandes, Noronha Feio e Wahnnon foram os que melhor impressão deixaram. Nota-se ainda inexperiência — inevitável da inexperiência — e, mais ainda em outros cujos nomes não figuram nesta lista seleccionada, a ausência de descon-

tração no esforço, que é o primeiro objectivo a procurar com a preparação técnica; assim, os saltadores à vara e em comprimento ficam aquém dos seus recursos porque correm mal e contraios, os barreiristas são melhores estilistas nos ensaios do que em prova, alguns lançadores do disco não utilizam o rodopio e os do peso esquecem o impulso da perna da retaguarda.

Não se pode ser exigente com principiantes, mas é indispensável apontar defeitos que deveriam ter sido corrigidos desde o primeiro dia de treino e que o tempo só agrava.

O Benfica foi o grande triunfador do torneio, classificando homens nos três primeiros lugares de todas as provas e somando no total mais vinte pontos do que o grande rival Sporting; a este faltaram corredores de velocidade, barreiristas e saltadores em altura e comprimento. Nestas quatro provas cederam os leões aos benfiquistas nada menos de 34,5 pontos.

Foi auspiciosa a estreia do novo clube dos Antigos Alunos do Colégio Militar, que conquistou três títulos e se mostrou o mais forte em concursos (C. M., 42,5 p.; S. L. B., 30,5 p.; S. C. P., 21 p.).

A Federação, no louvável intuito de activar com a competição o aperfeiçoamento de forma dos possíveis olímpicos, incluiu no programa duas corridas de 100 e 400 metros, para os quais dirigiu convites; registaram-se as faltas de Tomaz Paquete e Matos Fernandes e tanto pior para eles; desinteresse ou preparação insuficiente, qualquer dos casos é inadmissível nesta altura da época. A grande forma não se alcança sem luta e sacrifício.

Um grande bravo a Nuno de Moraes que repetiu, ajudado pelo vento, os seus 10,6 s., e parabéns a José Paula pelos seus 11 s.; Myre Dore, em crise a ponderar.

Segunda vitória benfiquista no campeonato de juniores

Os campeonatos de Lisboa dos juniores foram uma excelente competição, tanto pelo ardor das lutas travadas como pelo valor dos resultados conseguidos.

O conjunto de concorrentes demonstrou-se excelente, mas a Associação prejudicou consideravelmente o êxito da sua organização, designando-lhe um local que não está à altura de tão importante torneio e que afujenta o público, porque lhe não oferece as mínimas comodidades exigíveis por quem paga para ver.

Acresce que é impossível impedir

a presença na assistência de uns tantos discólos, sem a mais pequena educação nem cultura desportiva, e que é indispensável manter a certa distância dos atletas em prova, para que não sucedam alguns acidentes lamentáveis a que assistimos no domingo.

Mas vamos ao que mais importa; a organização foi excelente e conscienciosa, a ordem dentro do campo melhorou consideravelmente, mas é necessário ainda um maior esforço para eliminar uns tantos adventícios inúteis que ainda persistem em mostrar-se.

Sob o ponto de vista técnico há bastos motivos para satisfação; a matéria prima nova é de excelente qualidade, embora se mostre ainda na generalidade com insuficiências de instrução. Parece-nos, por exemplo, pouco compreensível na categoria a apresentação de lançadores de disco que ignorem a rotação no círculo e é flagrante em quase todas as provas a ausência de desconfiança no esforço, que é hoje a ideia primordial do ensino das práticas atléticas.

Entre o muito de bons que passou pelo terreno do Campo Grande, vamos destacar em três grupos sucessivos as melhores realidades, as mais seguras confirmações e mais auspiciosas revelações.

No primeiro grupo cabem Fernando Casimiro, Muralha e Noronha Feio; o primeiro, a quem se pode associar Natal Santos, conseguiu em condições difíceis uns 36,4 s. nos 300 metros que abonam uma classe já no ano passado revelada; Muralha, ultrapassando com 51^m,73 o recorde da categoria do lançamento do dardo, apresenta-se candidato ao número um absoluto da especialidade em Lisboa e Noronha Feio, com o seu 1^m,75 repetido a cada concurso, demonstra invulgar faculdade que o levarão longe antes de concluída a temporada.

Américo Guedelha, Joaquim Branco, Gabriel Dore e Rui Maia, confirmaram o valor evidenciado em 1947, mas os dois primeiros não me deixaram a impressão de apreciado progresso. A vitória de Guedelha nos 3.000 metros, folgada como foi, prova apenas a escassa categoria dos competidores; o tempo é dos mais modestos.

Por fim, podemos confiar seguras esperanças em Ricardo Durão, Rasquilho Raposo, Ramires Ramos e Gomes dos Santos, os quais dentro em pouco ou a mais largo prazo parecem destinados a subir ao primeiro plano do nosso atletismo progressivo. A equipa do Benfica, com absoluto merecimento, voltou a triunfar na classificação colectiva: é o agrupado mais completo e numeroso e só no lançamento do disco não conquistou pontos.

O Colégio Militar instalou-se em óptimo segundo lugar, a quatro pontos apenas do primeiro, graças ao forte conjunto de concorrentes que apresentou e o Sporting foi relegado para um distante terceiro lugar, a que de há longos anos não estava habituado.

Para melhor apreciação do valor relativo vejamos as pontuações respectivas em cada um dos três grupos de provas:

Corridas — Benfica, 67 p.; Sporting, 48 p.; Belenenses, 26 p.; Colégio Militar, 25 p.

Saltos — Colégio Militar, 46 p.; Benfica, 22 p.; Sporting, 8 p.

Lançamentos — Sporting e Colégio Militar, 28 p.; Benfica, 14 p.; «Cuf» do Barreiro, 5 p.; Belenenses, 1 ponto.

Salazar Carreira

NATAÇÃO

As provas do aniversário do Algés e Dafundo

A actividade desenvolvida pelo Sport Algés e Dafundo no domingo último — de manhã na praia, à tarde na piscina — foi o coroarmento condigno de uma semana de comemorações brilhantes, em que o valor e o eclatância de prestigiosa colectividade ficaram, mais uma vez, eloquentemente demonstrados.

O festival de natação de domingo à tarde, em que estava em disputa a bela taça «Comissão de Obras», apresentou, tal como os dois anteriores, uma característica que agrada pôr em relevo, e que é, precisamente, o significado do belo troféu: a perpétua gratidão do Algés de hoje àquele grupo esforçado de pioneiros que por um belo rasgo de audácia tornou possível as magníficas instalações de agora. E no momento presente, em que o Algés, talvez no mais feliz acontecimento desta sua quadra festiva, saiu das contas com a Comissão de Obras, a disputa da referida Taça reveste-se de oportunidade flagrantíssima. Oportunidade, aliás, que o rodar dos anos já mais conseguirá apegar.

Desportivamente, o festival, aliás bastante completo, agradou em absoluto e correspondeu perfeitamente aos fins em vista.

As melhores honras, individualmente, vão inteirinhas para Eduardo Murta Barbeiro graças ao belo tempo obtido na prova de 400 metros-livres: 5 m. 50,6 s., merce que o coloca, de momento, entre os nossos especialistas e que lhe pode abrir, inclusivamente, largos horizontes. Em franco progresso, Murta Barbeiro realizou, tecnicamente, uma prova magnífica, dando excelente sensação de haver começado a mecanizar o «crawl», e fazendo nascer em nós a esperança de virmos a possuir, um dia,

um nadador de meio-fundo digno desse nome. Oxalá, que a natação lusitana bem necessitada anda!

Nesta mesma prova, o esperancoso Fernando Madeira também teve comportamento meritório, creditando-se de 6 m. 12,4 s.

Outra prova curiosa, não pelos tempos obtidos, mas pela luta travada: os 200 metros-bruços que João Faria Bichinho logrou vencer sobre a meta, em 3 m. 18,5 s., depois de luta cerrada com Adriano Cabral Rodrigues (3 m. 18,1 s.). João Franco do Vale venceu, sem esforço, os 100 metros costas, em tempo agradável: 1 m. 17,2 s. Bom estilista, dotado de belas qualidades naturais, Franco do Vale não acusa, no entanto, os progressos que seria para desejar, e de que a representação nacional tanto carece, a mês e meio de distância do V Portugal-Espanha.

Guilherme Patroni, sem se empregar, triunfou na prova clássica de velocidade pura, em 1 m. 05,8 s. E a estafeta de 4x200 metros-livres resultou animada, espectacular e, portanto, bastante agradável de seguir.

Porque mais não nos podemos alongar, citaremos ainda os nomes de João Manuel Celixto, Cesário Madeira, José Silveira Cunha, Dúlio Ferreira, Maria Luísa Malheiro da Silva, que se distinguiram na prova «nador completo».

Uma exibição de saltos pelo dr. Manuel Martins, Elyodoro Patrício e Genil Abreu Gonçalves e um encontro-demonstração de «water-polo», encerraram o programa.

Domingo próximo cabe a vez à Federação. E teremos mais uma edição do tradicional festival de homenagem à Imprensa.

Abreu Torres



O grupo do Marítimo — antes do jogo com o Barretense e surpreendido no Rossio

Foi há 8 anos! De então para cá o futebol da Madeira não mais veio a Lisboa. A guerra, a falta de transportes, coisas várias, foram emperrando a vinda dos representantes do futebol madeirense.

Mas, ei-los de novo entre nós. E mais uma vez o Clube Sport Marítimo vem incumbido dessa representação — digna, prestigiosa. Uma onda de simpatia perfilou o regresso do futebol madeirense à disputa da «Taça». Ninguém entrou.

Visitámo-los, com curiosidade. Cavaqueamos numa roda de jogadores e dirigentes: Alexandre Rodrigues — o homem do Marítimo! — director técnico do clube; Mário Pereira, vice-presidente do clube e Gabriel Gomeia, director da secção de natção.

— Bem-vindos!

— Obrigado. Estamos contentes. A nossa grande aspiração voltou a realizar-se. A Madeira é Portu-

gal, o nosso futebol é português, desejamos por isso partilhar da sua actividade. Para nós, além do estímulo, é um benefício. No dia em que se pusesse de lado o futebol madeirense seria um golpe fatal — o fim.

O sr. Alexandre Rodrigues é quem nos fala mais.

— E que bem recebidos fomos! Aliás já assim o esperávamos. O povo de Lisboa, os dirigentes, os clubes, todos nos têm rodeado de gentilezas, cativando-nos com a sua amizade. Sem esforço, espontaneamente, o Benfica, o Belenenses puzeram os seus campos à nossa disposição, e da mesma maneira o Sporting.

E, convites para a primeira oportunidade efectuarmos jogos com o Belenenses, Olhanense, Lusitano, Sporting da Covilhã, Cova da Piedade, Almada. Estamos encantados.

— O futebol madeirense na actualidade?

— Continua com as suas primorosas características. Temos muitas possibilidades orientadas por esta única finalidade: fazer atletas.

Os nossos jogadores são todos feitos no Marítimo desde os 9 anos de idade. Neste grupo de honra só vem um antigo: João Correia.

Recordamos nomes grandes do futebol madeirense:

— Vivem no espírito dos jogadores de hoje as figuras de um «Pinga», de Carlos Pereira, Vasco Nunes, Joia, Abelhinha?

— Mas certamente. Como incentivo, como exemplo. Recordamo-los constantemente aos novos.

— Como encaram a estadia entre nós de Mota e Osvaldo?

— Bem. No entanto estão jo-



se opera no Marítimo. Têm sido os desta tèmpera que em 83 jogos, disputados nas duas últimas épocas, apenas perderam dois desafios e os que nas nossas categorias inferiores há seis anos que não perdem um único jogo.

— Essas vitórias...

— Conquistam-nas à base de disciplina e do amor que têm à sua camisola. Pegamos neles quando com 9 anos nos aparecem aos pontapés a uma bola. Acarinhamos esses novos miudos, ensinamo-los a ler e proporcionamos-lhes toda a necessária assistência médica. Aos 18 anos contamos com a sua amizade e contamos também com a sua compreensão para este lema que orienta a nossa forma de fazer desporto: «Tragam do campo uma derrota mas nunca um jogador castigado.»

— Especialmente que nos vêm dizer os jogadores do Marítimo?

— O nosso contentamento por voltarmos a jogar em Lisboa, absolutamente compenetrados de virmos cumprir um dever e garantir que dentro de dois anos a selecção nacional pode contar para a defesa das cores de Portugal com alguns dos jogadores da Madeira.

O MARITIMO

voltoy a LISBOA

gando menos. Mota achamo-lo a jogar metade do que então jogava.

— Fala-se na passagem de alguns jogadores para clubes de Lisboa?

— De maneira nenhuma! Os jogadores do Marítimo não trocam a sua camisola por dinheiro algum. E serão eles próprios que publicamente o hão-de garantir, reprovando esses boatos, ou essas ideias a seu respeito!

— Volta-se a falar no grupo que agora veio a Lisboa.

— Estes rapazes que agora vieram a Lisboa traduzem fielmente o trabalho atento e entusiástico que

vêm orgulhosos para defender o prestígio do seu clube e mais ainda o da sua terra.

— E acerca de natção?

O sr. Gabriel Gouveia intervem agora mais directamente na conversá

— Na Madeira temos bons elementos mas não podemos trabalhá-los. Sem uma piscina é impossível. Limitamo-nos a umas provas no mar e assim vamos perdendo bons valores que já deram provas como José da Silva, campeão dos 1.500 metros e Vasco de Abreu, os dois «internacionais» madeirenses.

FERNANDO SA



Alexandre Rodrigues, à direita, o homem do Marítimo, e Gabriel Gouveia, que nos



Aos 9 anos os miudos da Madeira já jogam à bola no Marítimo! Eis este grupo onde está o filho do actual jogador João Correia, um filho do antigo Julinha, e um filho do João Fernandes (Bestugo) e um sobrinho de Rafael que joga no Académico. E desta tèmpera que se estão fazendo os actuais jogadores do Marítimo.

os 33 anos do SPORT ALGÉS e Dafundo

COMEMORA o Algés presentemente, trinta e três anos de gloriosa existência. O clube está em festa, como é natural. Mas a data que no dia dezanove passou não pertence, porém, apenas ao clube. Estende-se à nataçõ lusitana. Alarga-se, pelo seu significado, ao desporto nacional.

Trinta e três anos de vida. Trinta e três anos de trabalho honesto e são, de luta porfiada por uma modalidade que jamais cessa de difundir, honrar e prestigiar: a nataçõ.

Nataçõ e Dafundo são duas expressões que têm andado ultimamente ligadas nestes últimos trinta anos, não se compreendendo uma sem a outra.

A data da fundação do Sport Algés e Dafundo não podia, pois, passar em claro nestas colunas. A homenagem ao grande baluarte da nataçõ portuguesa impunha-se, pelo que tem de oportuna — e justa. E se por um lado, é altura de falarmos do Algés de hoje, é, também, sem dúvida, o momento de falarmos do Algés de ontem em geito de evocação, não como quem folheia papéis amarelados pelo tempo, mas como quem recorda homens e acontecimento que a distância dos anos se encarregou de nimbá-los com o perfume da saudade...

Em 1915, ou seja no primeiro quartel deste século, havia naqueles subúrbios ribeirinhos dois grupos modestos: um em Algés e outro no Dafundo.

Estes dois grupos mantinham a maior rivalidade. Sucedia porém que do grupo de Algés fazia parte o saudoso Eugénio Ricardo um grande entusiasta dos desportos do mar. Surge, então, a ideia de um entendimento entre os dois grupos, no sentido de se fundar um clube com existência legal. Fizera-se algumas reuniões preparatórias numa cave, em Algés, em casa de um dos entusiastas, o Mesquita, e a 19 de Junho de 1915, um clube surgiu: O Sport Algés e Dafundo, que teria no futebol a sua principal actividade.

Eugénio Ricardo, porém, homem inteligente e com óptima visão das coisas, tinha um sonho: a fundação de um clube náutico, pois o mar era a sua grande paixão. Além disso, queria aproveitar Rodrigo Bessone Bastos — que já se havia distinguido nas provas do Ginásio Clube Português — como nadador.

Imposta a ideia, e indo deliberadamente contra a opinião da maioria, foi resolvido pôr de parte o futebol, e passar o Algés e dedicar-se, exclusivamente, aos desportos náuticos. A massa associativa era diminuta. São desse tempo, Fernando Costa Duarte, Raul César Cordeiro, António Basílio dos Santos e outros já falecidos.

Vivia, então, o clube nas mais precárias condições. Era uma colectividade muito pequena e muito modesta, que andava instalada em estalhotos, em Algés. No dia em que conseguiram um barracão do José Luís «Banheiro» — foi um acontecimento! Passaram, depois para uma casa da Vila Matias, hoje demolida, que foi a primeira sede do Algés. E só mais tarde se instalaram num primeiro andar no Largo da Estação.

Entretanto, embora lentamente, o clube ia tomando maior desenvolvimento e a sede do largo da Estação começava a tornar-se insuficiente. Surge, então, a ideia de construir uma sede própria. Rodrigo Bessone de Basto — a tempo presidente da direcção do clube — juntamente com Viriato Portugal e Augusto Fernandes Bagão, convocou uma assembleia geral, a pedido deste último, para que o assunto fosse debatido. Dessa assembleia geral nasceu uma Comissão de Obras, presidida por José Cordeiro Junior e composta pelos seguintes elementos: Viriato de Jesus Portugal, Augusto Fernandes Bagão, Abel Teixeira Correia, Florêncio Ricardo Domingues, João de Almeida Junior, António Basílio dos Santos e Rodrigo Bessone Bastos. A Comissão conseguiu rapidamente vinte contos — e preparava-se para construir uma sede...

Um dia, porém, Bessone Bastos, em conversa com Viriato Portugal, sugeriu-lhe a ideia da construção de uma piscina, tendo a sede no próprio edificio. A ideia, bem aceita pela Comissão de Obras, entrou em estudo. Entretanto, Bessone Basto deslocava-se a Paris, onde examinou demoradamente a piscina de Tourelles, ou seja, a piscina municipal de Paris, inaugurada em 1919. De regresso a Portugal, portador de uma série de fotografias, juntamente com Basílio dos Santos, esboçou o que deveria ser a piscina nas suas linhas gerais. Daf nasceu a planta, que Raul e Diamantino Tojal modificariam aqui e ali, mas sempre dentro do mesmo principio geral: uma piscina com bancadas, aproveitando os baixos das mesmas para instalações várias. E a 5 de Maio de 1929 era lançada a primeira pedra para a construção do Estádio náutico do Sport Algés e Dafundo, que é hoje um dos melhores da Euzopa. A 15 de Julho de 1930 disputaram-se as primeiras provas na piscina.

O Algés de hoje... O Algés de hoje é aquilo a que se pode chamar, com inteira propriedade, um grande clube.



Um recanto da Sala dos Trofeus do S. A. D.



Rodrigo Bessone Bastos, presidente do Algés e Dafundo



A sua chegada a Lisboa o tenente-coronel Ivens Ferraz confia, ao nosso camarada Antas Teixeira, as suas impressões sobre o Concurso de Madrid

Poucos dias mediarão entre o Concurso Hípico Internacional de Lisboa e o de Madrid, muito justamente considerado como dos mais importantes da Europa.

A equipa portuguesa que, como seria lógico supor-se, foi constituída com os elementos já escolhidos e pré-seleccionados para os próximos Jogos Olímpicos, partiu para Espanha animada com os esplêndidos resultados conquistados contra espanhóis e franceses no certame lisboeta.

Helder Martins, Correia Barrento, José Carvalhosa e Henrique Calado, vencedores em Lisboa da famosa «Taça de Ouro da Península» e da valiosa «Taça das Nações», foram mais uma vez os escolhidos para representarem a cavalaria lusitana no Concurso madrileno.

Para a representação foram de novo escolhidos os cavalos «Optus», «Raso», «Alcoa», «Tete», «Gasa», «Vouga» e «Zuari» que já no ano anterior haviam atravessado a fronteira.

De novo, apenas seguiu o irlandês «Namulix», numa escolha que, com franqueza, nos surpreendeu, não só por se tratar de um cavalo ainda no 1.º «handicap», como também por que não o víramos este ano fazer em Lisboa nada que justificasse a sua inclusão na equipa. Talvez nos surpreendesse menos — dada a impossibilidade de contar com «Xerez» — a escolha de «Congo», ou mesmo de «Bajones», este ano em melhor forma do que em 1947.

No entanto não se podia pôr em dúvida o valor incontestável da nossa equipa, pelo que se aguardaram, com vivo interesse, os resultados por ela alcançados no importante Concurso Espanhol.

Os adeptos do hipismo, habituados — ou talvez mal habituados — às vitórias que os nossos cavaleiros têm obtido no estrangeiro, já não se contentam com 2.º prêmios entre 60 ou mais concorrentes. Querem 1.º lugares, querem vitórias, e assim as boas classificações este ano obtidas não corresponderam à expectativa na opinião geral.

Gostou-se sem dúvida dos 2.º lugares de Calado no «Grande Prêmio» e de Carvalhosa na «Gañadores»; admitiram-se como muito bons os 3.º de Barrento na «Generalissimo» e de Carvalhosa na «Regularidades». Mas esperou-se com impaciência aquilo que finalmente não chegou — as vitórias.

Porque motivo elas se não verificaram em Madrid?

Para esta pergunta só nos poderia arranjar resposta o chefe da nossa equipa. Dele nos lembrámos para elucidar o leitor.

Ivens Ferraz, que não necessita de apresentações, tão conhecido é o seu nome e tão do conhecimento de todos o seu prestígio de cavaleiro, não fugiu a ela.

Eis o que nos disse, textualmente, à sua chegada a Lisboa.

OS CAVALEIROS portugueses em MADRID

O QUE NOS DISSE O CHEFE da EQUIPA tenente coronel IVENS FERRAZ

MOSAICOS nortenhos...

O CICLISMO EM MOVIMENTO

Segundo as últimas notícias, dois clubes portuenses, F. C. do Porto e Académico, vão ser reforçados por ciclistas estrangeiros. Assim, com vista à «Volta a Portugal» em bicicleta, procuram as principais colectividades do Porto fazer a melhor figura, juntando aos seus «ases» outros valores. Também assim sucederá em relação ao Sporting, como é público.

Por tudo isto, o ciclismo está em movimento. A próxima «Volta a Portugal», a ser assim, dará que falar...

Mas além da «Volta», o Porto prepara-se para assistir a outras provas de grande categoria. O «Circuito do Norte», organizada pelo F. C. P., deverá interessar a massa desportiva desta região.

TRIUNFOU O BASQUETEBOL PORTUENSE

O Sporting Clube de Vasco da Gama teve uma época triunfal. Conquistando o título de campeão nacional, o Vasco da Gama demonstrou que tinhamos razão quando nesta página lamentamos a maneira como se seleccionou o grupo representativo do nosso país. Temos entre outros, digam o que quiserem para contrariar a afirmação, a melhor equipa portuguesa de basquetebol.

Mas não ficamos por aqui. O Clube Fluvial Portuense, como nos velhos tempos, acompanhou admiravelmente o clube campeão; e se o segundo lugar vier a pertencer-lhe, podem os admiradores portuenses da modalidade embandeirar em arco.

E nada mais justo.

O PALÁCIO DOS DESPORTOS

Vai ser um facto o Palácio dos Desportos. Dissiparam-se todas as dúvidas dos portuenses, pois no Palácio de Cristal veremos brevemente a funcionar locais próprios para a prática do basquetebol, oque em patins e outros desportos. É a piscina? Que alegria sentiriam os amadores da natação se lhe oferecessem a tão reclamada piscina! E que belo impulso receberia a natação! O Rio Douro, positivamente, está condenado para a realização de provas, embora nos velhos tempos tivesse servido, à falta de melhor local.

Mas alegrem-se os clubes desportivos. O Palácio de Cristal será transformado — ficando a servir para alguma coisa!

MAS OS CAMPOS DE JOGOS?

Todavia, os nossos clubes não tem instalações capazes. O F. C. do Porto, como se sabe, continua «amarrado» à Constituição. Por mais um ano? Não se sabe por quanto tempo... O Lima, ainda assim o nosso melhor recinto, também não corresponde inteiramente. E o do Bessa? E o do Salgueiros?

Não temos campos em condi-

na capital do NORTE

VALE A PENA LUTAR

O Porto vai ter, de facto, um Palácio de Desportos! E, dentro dele, a piscina anunciada!

Há quantos anos se reclama a necessidade de um recinto próprio para a realização de espectáculos desportivos nocturnos? Nem se sabe.

O caso tem provocado campanhas e muitas desilusões. Todavia, com que entusiasmo e esperança eram sempre acolhidas as oportunidades e as promessas que se faziam!

Esse entusiasmo, porém, não desapareceu. E se não — vejamos. Mal se começou a falar na Exposição Industrial a realizar no Porto com a inauguração de um novo Palácio de Exposições, toda a Imprensa desportiva entrou de abrir campanha a favor de um Palácio de Desportos.

A campanha fez-se com entusiasmo! 23 associações desportivas do Porto subscreveram em Agosto do ano findo uma longa exposição em que se definia a atitude da massa desportiva em relação ao projecto para a remodelação do Palácio de Cristal. Esta exposição foi entregue aos Srs. Presidente da Câmara Municipal do Porto, Presidente do Conselho, Ministro das Obras Públicas, Governador Civil do Porto e Director Geral dos Desportos.

As secções desportivas dos jornais diários e da especialidade do Porto cedo enfileiraram bravamente ao lado dos primeiros combatentes, publicando repetidas vezes acertadas opiniões a favor do Palácio de Desportos.

Toda a imprensa desportiva se apaixonou, mais ou menos pelo palpitante e oportuno assunto, e «Stadium» firmou também logo de princípio a sua opinião.

Escreveram-se muitos artigos da autoria de jornalistas considerados, apoiando a iniciativa promotora, sintetizando os desejos da opinião pública que ansiava ver construir-se o Palácio de Desportos. Todos os do Porto se apaixonaram pela iniciativa.

Todavia, quem poderia estranhar o silêncio, se o houvesse, o alheamento e a pouca fé? Quantas vezes se tem falado em piscinas e estádios cobertos sem resultado positivo?

Vai, porém, uma nova oportunidade e todos a recebemos com fé. Mas desta vez valeu a pena!

O Palácio de Desportos ainda não é uma realidade, mas se-lo-á em 1950. No passado dia 12 do corrente o público do Porto foi surpreendido com a grande notícia.

Suas Excelências o Presidente da Câmara, o Governador Civil do Porto, o Presidente da União Nacional, os representantes da Associação Industrial, da Direcção Geral dos Desportos, e do Secretariado Nacional de Informação, reunidos especialmente para esse fim, faziam a comunicação à população da cidade do Porto de que o Palácio de Exposições e Desportos ia ser construído com o apoio do Governo da Nação, devendo ser inaugurado no ano de 1950.

Ante uma informação oficial e positiva quem pode atrever-se a duvidar?

Não há dúvida, o Porto vai ter um Palácio de Desportos. Estamos todos de parabéns e muito particularmente a população do Norte. Dizemos a população do Norte porque o futuro Palácio de Desportos não será um centro de atracção apenas para a população da cidade do Porto, mas para toda a população das províncias nortenhas.

É o caso, por exemplo, da pequena vila de Hershby na Pensilvânia, Estados Unidos, cuja população é de 2.500 habitantes. Nesta vila construiu-se um estádio coberto para 10.000 pessoas com o fim de servir a própria população local e a população vizinha num raio de 100 quilómetros.

Perante um exemplo destes poder-se-ia chegar à conclusão de que o projectado Palácio de Desportos do Porto, cuja lotação está prevista para 10.000 lugares, tornar-se-á pequeno para as necessidades nortenhas.

Não é assim, felizmente, pois na nossa terra em matéria de desporto e de transportes as coisas são bastante diferentes.

A obra que vai ser realizada é, sem dúvida, uma grande obra e está projectada de modo a resolver as necessidades da massa desportiva do Norte.

Curiosidades...

Não se sabe bem, nesta altura, em que lugar pode colocar-se o futebol portuense. Vejamos: o F. C. do Porto foi eliminado por um clube da 2.ª Divisão, embora de belas tradições; e o Boavista foi há dias a Viseu perder por 5-0 com o Académico daquela cidade.

♦♦ O F. C. do Porto vai apresentar superiormente uma reclamação. Motivo: — Onofre Tavares.

♦♦ Mário Carvalho, delegado da D. G. dos Desportos nesta cidade, promoveu uma reunião de colectividades e desportistas, sendo apreciada a instalação definitiva do Palácio dos Desportos no Porto. Manifestação sincera e justa foi depois levada a efeito.

♦♦ O Vasco da Gama e o Fluvial parecem ser os «novos rivais». A sua última batalha assim o indica. O Vasco, porém, concluiu a luta vitoriosamente, embora com muitas honras para o Fluvial. No fundo: — dois grupos nortenhos em grande forma, sendo o primeiro já campeão nacional.

♦♦ Quando tentamos fazer uma página sem falar no F. C. do Porto — é fracasso certo. O desporto portuense gravita à sua volta.

♦♦ Entre o Académico e o Porto vai chegar-se ou já se chegou a um acordo para a realização de provas na pista do Lima. Entretanto, o F. C. P. pretende organizar provas no Palácio de Cristal.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00

Stadium

BATALHA CAMPAL EM S. PAULO

no decurso do jogo que o SOUTH ganhou ao CORINTHIANS

(Especial para «Stadium» — por CANDEIAS ALVAREZ)

Depois de mais uma derrota sofrida ante a Portuguesa de Desportos, por 2-1, num desafio recheado de emoções e em que os paulistas só conseguiram consolidar o triunfo nos últimos instantes, o South cumpriu o seu último compromisso em S. Paulo, debruçando no Estádio do Pacaembu, o Corinthians, vice-campeão da cidade, a quem venceu, e tendo por fim visto coroado de êxito os seus esforços no tocante a uma vitória que, além de ser lenitivo para o prestígio do futebol britânico tão «arrazado» no Brasil, serve de recompensa à lealdade e cavalheirismo demonstrados a tão próprio dos profissionais ingleses.

Pena foi que tanto os jogadores corinthianos como a «torcida» não tivessem sabido seguir os exemplos de desportivismo antes demonstrado pelos jogadores do South acolhendo as derrotas consecutivas com o melhor dos sorrisos e apanhando a brilha de uma iniciativa levada a efeito pelo Botafogo com o melhor dos auspícios, esperando nós que se não voltem a repetir nos dois últimos compromissos da equipa inglesa os incidentes surgidos em S. Paulo.

O Southampton, desta vez, apresentou-se com o concurso do seu defensor Ramsay que estivera ausente dos primeiros jogos por fazer parte da Seleção de Inglaterra que foi à Itália e à Suíça.

É impressionante como um único jogador pode influir decisivamente na actuação de uma equipa, não só na parte técnica como ainda na confiança que impõe aos seus companheiros. Ramsay na partida disputada contra o Corinthians, foi o verdadeiro impulsor de toda a equipa, ditando-lhes o jogo e man-

tendo-a sempre debaixo da sua orientação.

Jogou o South muito mais do que nos seus anteriores compromissos e muitíssimo mais do que os seus adversários, dando-nos até a impressão de que não era aquela a equipa que havíamos visto antes, mas sim uma outra rejuvenescida pela inclusão de um único homem que além de ser o seu cérebro, é também um dos melhores defesas que temos visto. Possui esplêndida colocação, optimo poder de antecipação e despachando com ambos os pés tal como mandam os canones.

A primeira parte do desafio contra o Corinthians terminou com o empate de 1-1. O South, tendo desta vez adoptado uma marcação cerrada de homem para homem, e imposto desde o apito inicial uma velocidade idêntica à das equipas brasileiras, fez morrer à nascença quaisquer ilusões que porventura podessem existir no onze corinthiano, que — estamos convencidos — entrou em campo com a convicção absoluta de que não seria necessário um grande esforço para levar de vencida os seus

opponentes, tendo em vista os resultados anteriormente verificados.

Erraram porém quando na segunda parte pretendiam desfazer a má impressão dos primeiros quarenta e cinco minutos, conjugando melhor os esforços das suas linhas. Foi ainda o South quem após as primeiras arremetidas contrárias impoz o seu jogo, conseguindo aos 13 minutos o golo que seria o da vitória.

Desde esse momento em diante deixámos de assistir a um jogo de futebol para passarmos a um espectáculo impróprio.

Enveredando pela violência, os corinthianos deram origem a que os britânicos em certos momentos demonstrassem também que quando é preciso sabem ser «duros» — apesar de não violentos — e quando aos 40 minutos o defensor do Corinthians agrediu sem qualquer motivo que o justificasse o ponta inglês Day, nas barbas de Mr. Reader, recebendo logo em seguida ordem de expulsão, foi o fim do Mundo...

Os torcedores saltaram ao campo e vá de agredir os jogadores do South, principiando pelos reservas que eram aqueles que mais próximo se encontravam e acabando por tentarem agredir também Mr. Reader! Foi necessário um choque de polícia para manter a ordem e meter no «xadrez» meia dúzia dos mais exaltados torcedores; e ao fim e ao cabo lá recomeçou a partida que terminou passados minutos com o resultado justíssimo de 2-1 a favor da equipa inglesa.

Do Corinthians não temos nomes a apontar, pois que todos eles estiveram muito aquém das suas reais possibilidades; e do South toda a equipa demonstrou valer muito mais do que até aqui havia demonstrado.

Quanto a Mr. Reader, apesar de por vezes e sem razão ter sido vaiado, continuou sendo... Mr. Reader.

Helena, o avançado-centro do Botafogo e da seleção nacional brasileira, transferiu-se para a Boca Juniors de Buenos Aires, pela importância de 400 contos, por contrato de 1 ano, e ainda 7.500 cruzeiros mensais de vencimento e 1.500 por jogo ganho. O Botafogo recebeu por sua vez 600 mil cruzeiros pela transferência. É esta a transferência mais cara da América do Sul e se bem que Helena venha ainda a fazer falta ao seleccionado brasileiro, diz-se nos meios desportivos do Rio que «já vai tarde...»

Helena estreou-se contra o «Banfield». Consta que o Chacarita Junior também está interessado num avançado-centro brasileiro que joga numa das equipas de S. Paulo, não se conhecendo todavia o nome do indigitado jogador.

O Presidente do Botafogo, sr. Carlos Martins da Rocha, está interessado em trazer ao Brasil uma outra

equipa inglesa, talvez o Arsenal, e bem assim uma equipa de basquetebol.

Este mesmo senhor fará publicar dentro de breves dias nos jornais brasileiros os motivos porque os clubes de Lisboa não cumpriram os compromissos assumidos com o Botafogo Futebol Clube e, bem assim, os telegramas trocados com a Direcção Geral dos Desportos de Portugal. Sabemos de fonte autorizada que a portaria da C. N. B. se manterá por tempo indeterminado até que as autoridades portuguesas esclareçam devidamente o assunto.

A equipa principal do Vasco da Gama logo que termine os seus compromissos em Belo Horizonte, seguirá para a Baía, afim de disputar na cidade de S. Salvador alguns jogos contra as equipas locais.

O Campeonato carioca principiará no mês de Julho, aguardando-se jogos renhidos em torno da disputa do título máximo.

Em continuação do «Torneio Infância», disputaram-se recentemente os jogos entre o Fluminense e América que terminou com o resultado de 5-3 a favor dos primeiros; Madureira e Olaria, que terminou com o resultado de 4-1.

Piedade Continho, a campeã brasileira e continental de natação acaba de baixar o seu próprio recorde de 400 metros livres, fixando-o em 5 m. 23,2 s. e batendo desta forma o mínimo sul americano.

Foi fixado em 17 o número de nadadores brasileiros que tomarão parte nos Jogos Olímpicos a realizar em Londres no corrente ano.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS



BICICLETAS

«HELIOS»
1.330\$00

«RALEIGH»
1.990\$00

Peçam novas tabelas

Armando Crespo & C.

Rua do Crucifixo, 116 a 124

LISBOA — Telefone 27027

João Anjos

Condecorações

EMBLEMAS ESMALTADOS

Medalhas de Sport / Comemorativas e Religiosas / Insignias de marcas de automóvel

ESTABELECIMENTO

121, R. da Misericórdia, 123
Telefone 2 8071

OFICINAS

R. da Al-gria, 76-94 — LISBOA

ARCADIA

O DANCING N.º 1
= DA CAPITAL =

Apresenta o melhor programa de variedades de Lisboa, com

Os príncipes do baile espanhol MERCEDES LEON-ALBANO ZUNIGA

Clarence e Person — Ballet Alma Espanhola

BALLET DIX LOUISE GIRL'S — MARY MELY

Conchita Perez — Mabel Valencia — Almodena Quevedo — Pilarin Martin — Merche Martin — Milagrito Sancho — Loli Cañi — Maruja Casado — Ondina — Ramoskine

Música constante pelas Orquestras Larrea com a vocalista Josita Tenor e Arcadia

Abertura às 22 horas — 1.ª parte de Variedades às 24 15 horas

A NACIONAL



Fábrica de malas, pastas e artigos de viagem

Peles e Confeções

A mais antiga, a mais acreditada

NOTA: Aos Desportistas 15 % de desconto e apresentação do Cartão

R. da Palma, 34-1.º — LISBOA — Telefone 2 7928 —

A "TAÇA DE PORTUGAL" TEM QUATRO CANDIDATOS...



O BENFICA VENCEU NA TAPADINHA



«Passar» na Campo da Tapadinha, — é bom resultado para o visitante. O Benfica teve trabalho mas conseguiu 2-1 que o transporta às meias finais. Uma das suas figuras foi Pinto Machado. E Correia também. O primeiro defende nas duas primeiras gravuras com segurança; e o segundo imita-o nas duas últimas, dois bons jogadores nesta tarde na Tapadinha



O MARITIMO perdeu com o BARREIRENSE

O Marítimo não pôde ganhar ao Barretrense, a despeito da sua boa vontade. Nas três fotos que publicamos sobre o jogo apreciamos: da direita à esquerda, excelentes defesas do guarda-rede vencedor, que foi uma das melhores figuras do encontro

Belenenses 8

Oliveirense 1



O Oliveirense perdeu expressamente no campo das Salésias. O Belenenses não perdoa. Vejamos nas duas fases que publicamos que revela o nosso fotógrafo: esquerda, de cima para baixo — uma tentativa de infiltração de um avançado belenense; depois, a intervenção de um defesa instantâneo, que sofre uma carga de Nunes e dispensa a entrada de Teixeira. À direita, também de cima para baixo: Nunes entre três adversários; e uma defesa do guarda-rede oliveirense



O Portimonense não foi um adversário difícil



Novo adversário do Sporting foi batido. Fora de casa, em Portimão, os «leões» conseguiram 6-1, jogando com muita autoridade. Peyroteo, que se vê evolucionar na foto de cima, foi o autor de 5 tentos. Em baixo, defesa esquerdo devolve o esférico, apertado por Jesus Correia

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE**PELA EUROPA**

Foi uma semana algo frouxa e que não trouxe novidades nem surpresas.

Começando pelos «pesados» citaremos em primeiro lugar o triunfo do austríaco Jo Weidn, em Viena, por K-O ao 3.º assalto à custa do ex-campeão de França, Francis Jacques.

Este último coleciona derrotas sucessivas desde há algum tempo. Em Bruxelas, durante o torneio de pesos médios que por ali se celebra, aconteceu um desfecho imprevisto: o favorito, Jean Wanès, foi derrotado por pontos pelo jovem Albert Heyen. O francês, muito desportivamente, reconheceu o triunfo adversário.

Cerden, depois de algumas hesitações, decidiu aplicar um aparelho de gesso ao braço direito que se encontra um tanto ou quanto molesto desde que combateu em Bruxelas contra Delennoit.

O italiano Aldo Minelli — peso leve — derrotou por pontos, na cidade de Bolonha, o francês Jacques Bénéter, ao cabo de 10 assaltos. A luta foi bastante equilibrada.

Finalmente, entre os «semi-levés», realizou-se um duro combate em Barcelona sendo adversários o catalão Luis Romero, duplo campeão de Espanha, e o sul-africano Mac Kay que o lançou 2 vezes ao solo. O espanhol venceu por pontos mas está em curso a desforra.

NA AMÉRICA

O forte estoniano Anton Reedik, alcançou uma nítida e importante vitória derrotando o jovem Jimmy Bell por fora de combate ao 9.º assalto.

A luta, de grande violência, efectuou-se em Chicago.

FUTEBOL**França, 4-Checoslováquia, 0**

A França está, nesta quadra festiva dos três santos, embaldeirada em arco. Não pelo amor a Santo António de Lisboa, já se deixa ver, mas porque no dia 12 o seu grupo de futebol derrotou por 4 bolas e zero, em Praga, a equipe nacional da Checoslováquia.

Em nove minutos, Irès B — Balleux, Baratte e Besillot — fizeram o resultado do desfecho, culminando o esforço dos onze componentes e desafiando a recente derrota aplicada pelos belgas, em Bruxelas.

A tarde esteve feia e pesada, anunciando trovoadas. Os primeiros 45 minutos decorreram sem nada de saliente e sem lentos. Depois do intervalo os franceses aceleraram o ritmo, enquanto que os checos baixavam nitidamente de tom.

A defesa checa viu-se embarcada para conter os sucessivos ataques de Baratte e Prouff, cada vez mais perigosos, e acabou por sucumbir.

Apesar do mérito da vitória indiscutível, o resultado é francamente lisongeiro e é o melhor que já mais o «team» francês obteve fora de casa exceptuando o de 1934 contra o Luxemburgo.

Cuissard foi o melhor homem no terreno do lado de França e Céjy no grupo checo.

ATLETISMO**PELA EUROPA**

Continua a febre preparatória dos atletas de todo o Mundo, com vistas aos próximos Jogos Olímpicos.

Entre as façanhas dignas de registo, que se efectuaram durante a última semana, é justo mencionar os seguintes resultados:

— No Estádio de Bislet, em Oslo, o saltador Erling Kaas, transpôs 4m,29 à vau, batendo o recorde da Europa, enquanto que o sueco Lundberg em Estocolmo o imitava pulando 4m,22.

— Emilio Zetopek, correu, em Praga, os 3 km. no tempo excepcional de 8 m. 7,8 s. que é o melhor resultado abaixo do recorde mundial de Gundar Hegg (8 m. 1,2 s.) e melhora o recorde checoslovaco.

— Por duas vezes, o novo corredor de fundo, finlandês, Koskela, bateu o celebrado Heino numa corrida de léguas fazendo 14 m. e 28 s. e 14 m. 32,2 s.

— Na Suécia, o meio-fundista Ingvar Bengtsson ganhou uma prova de 800 metros em 1 m. 50,4 s.

PELA AMÉRICA

Nos Estados-Unidos produziu-se uma verdadeira chuva de recordes, de grande categoria:

— Em Berkeley (Califórnia), no dia 5 de Junho, o excepcional velocista negro Herbert Mac Kenley, da Jamaica, cobriu 440 jardas (402 metros) melhorando o seu próprio recorde — 46,2 s. — no tempo de 46 s. Este máximo corresponde a 45,7 s. aos 400 metros sendo superior ao do falecido elemento Rodolfo Harbig, mas não foram tomados tempos intermediários.

— Na véspera, em Compton, o negro panamaniano Lloyd Le Beach iguou o melhor tempo mundial de 220 jardas (201 metros) com 20,3 s.

A passagem pelos 200 metros foi cronometrada, registando-se 20,2 s., que bate o recorde oficial do negro Jessie Owens.

Este prodigioso atleta havia corrido 100 metros em 10,2 s. uma hora antes, igualando o recorde do Mundo, de Patton.

Um cronómetro registou 10,1 s. Em segundo lugar ficou Chuck Peeters e Barney Ewell em 3.ª posição. Mel Patton não correu por sofrer de cólicas nos membros inferiores, mas não será mau recordar que o magnífico corredor branco lhe ganhou já 2 vezes.

NOTA DA SEMANA

A imaginativa humana parece ter recursos ilimitados de improvisação. Em todos os sectores das nossas actividades surgem, com frequência, novidades, ora para estimular os sentidos, ora para satisfazer a curiosidade intelectual, ora para entreter o arregaço físico.

Neste último capítulo existe na Espanha, ou, mais propriamente, nas províncias vascongadas deste país, uma modalidade desportiva (se é que lhe podemos assim chamar...) de carácter regional mas de grande repercussão e violência. Trata-se do campeonato do Mundo de corte de troncos de árvores, com o emprego de machados, cujo espectáculo reúne cerca de dez mil entusiastas todos os anos e se costuma celebrar em Azpilua, perto de San Sebastian.

O antigo jogador de boxe Paolino Uzcudun, antes de se distinguir com as lutas de quatro onças, ficou célebre na qualidade de rachador de lenha e, depois dele, outros vigorosos atletas se têm notabilizado nesses certames, para os quais se require força e dextreza raras.

Este ano a prova máxima celebrou-se agora, entre dois hercules Corta e Arrija, na presença de oito mil espectadores. Pagaram-se lugares a cinquenta pesetas e os aldeões apostaram entre si somas astronómicas, rondando mais de meio milhão de escudos.

Alinhados no terreno estavam 15 troncos de 38 polegadas e 4 troncos de 60, os atributos indispensáveis para consumir o duelo. Os dois concorrentes romperam a luta em grande velocidade e ao cabo de 1 hora e 1 minuto, devido ao esforço colossal dispendido, bem como a um golpe de calor — a temperatura era verdadeiramente tropical — o lenhador Cossio sofreu o primeiro desmaio, imediatamente seguido de outro, poucos minutos depois. Cossio tombou sobre os troncos e foi transportado em braços para uma ambulância, onde os médicos se aplicaram para o reanimar.

O público, emocionado, invadiu o recinto e dispunha-se a interromper a continuação da prova mas Arrija, sob uma trovada de aplausos e incitamentos dos seus adeptos prosseguiu à frente.

O sangue inundava-lhe as palmas das mãos e das fontes laterais o suor escorria em camarinhas. Quando o triunfo já se mostrava seguro, sofreu o primeiro colapso mas refez-se dali a pouco e terminou a tarefa ao cabo de 1 h. 40 m. e 44 s.

Poucas vezes se terá presenciado mais duro prova de energia e coragem, a par da manifestação de resistência que tal pugna representa. Se nos espíritos desalentos e superficialis ainda prevalece a ideia que os povos latinos estão decadentes, tomem boa nota desta batalha de gigantes, travada não pelo vil dinheiro mas pelo prazer da glória.

R. B.**AUTOMOBILISMO****A Corrida de Indianápolis**

Pela primeira vez, a Morte esteve ausernte da pista vermelha de Indianápolis, onde há 32 anos se realiza e mais turbulenta corrida de automóveis de que há memória. Cerca de 175.000 espectadores assistiram ao duelo entre os mais arrojados e celebrados videntes americanos, durante mais de quatro horas, até completarem 500 milhas (804,5 km.) no final das 200 voltas do circuito.

O vencedor — que já triunfara em 1941 e 1947 — foi Meuri Rose, de South Bend (Indiana), pilotando

um carro Blue Crown Special, no tempo recorde de 4 horas 10 minutos e 23,38 segundos, ou seja à velocidade de 192,820 km. à hora. Em segunda posição, a escasso intervalo, ficou Billy Holland, de Bridgeport, pilotando outro veículo igual, mantendo e classificação que conquistou em 1947.

O concorrente que mais se evidenciou, até ao incidente que o obrigou a ser reabastecido com muita frequência foi Duke Nalon, de Los Angeles. O vencedor recebeu 40.000 dólares de prémio, pelo seu esforço ousadia e felicidade.

Progresso honroso

O trabalho de aperfeiçoamento técnico desenvolvido durante os últimos anos pelos nossos preparadores de atletas, conduziu a um progresso considerável das individualidades de melhor classe, colocando o atletismo português em honrosa posição no conjunto europeu.

Não pôde ainda expandir-se suficientemente a obra de divulgação em profundidade, que fará aumentar o número dos praticantes na proporção directa do já verificado melhoramento de resultados das unidades de grande classe; mas não podemos querer tudo em pouco tempo e já é lisonjeiro verificar que vamos seguindo pelo bom caminho.

Em vésperas dos Jogos Olímpicos, os atletas de Portugal figuram, à data, na lista dos melhores resultados alcançados na Europa desde o início da temporada: com um 1.º lugar (Alvaro Dias no salto em comprimento), em 2.º lugar (Nuno de Moraes nos 100 metros) e em 4.º lugar (João Vieira no triplo-salto).

A preparação especial destes homens e, possivelmente, de outros que ainda não prestaram provas — e referimo-nos assim a Luís Alcide ou Matos Fernandes, únicos que consideramos prováveis — deve ter imediata aplicação, agora que o Governo já concedeu ao C. O. P., por intermédio da Direcção Geral dos Desportos, o subsídio necessário à nossa representação em Londres.

O prazo é curto e, conseguido

Comentários

pela Federação o adiamento para fins de Julho dos campeonatos nacionais, reduzidos ao mínimo as competições oficiais para apreciação de forma dos candidatos. Como saber, por exemplo, o que vale Sampaio Peixoto, que nos dizem especialmente preparado para os 800 metros?

É indispensável que a Federação promova provas semanais nas especialidades visadas, que exija a comparência dos pré-seleccionados e decida pelo que foçam no conjunto, não por uma só apresentação ou pela influência do nome aureolado por passadas proezas.

O atletismo nacional pode levar a Inglaterra a sua melhor e mais numerosa representação de sempre. Basta conjugar os esforços e a vontade de todos.

A indispensável lição

NAO é ainda tarde para analisar os ensinamentos e as consequências da participação portuguesa no campeonato do Mando de andebol; pa-

rece-nos mesmo indispensável que muito se fale ainda sobre tal assunto, pois só assim será possível gerar a profunda evolução da nossa tática de jogo sem a qual nos apresentaremos sempre em inferioridade, pouco consentânea com o nosso exacto valor, em qualquer luta internacional.

O andebol, modelo suco, que imperou no terno de Paris, assenta sobre um conceito negatísta, sem emoção nem beleza; a luta circunscribe-se às duas zonas de remate e o centro do terreno, numa larga faixa de cinquenta metros, é autêntica terra de ninguém. Os detentores da bola avançam livremente por ela, porque os adversários não lhes tentam embaraçar a progressão, antes correndo em fuga na sua frente para os esperarem em linha cerrada de cinco, seis ou oito unidades, nas imediações da área da sua baliza.

A obstrução impera no terreno; tanto ao condutor da bola como aos seus companheiros. Ante um muro de homens que não procuram jogar, mas sim apenas impedir que o adversário jogue e acabe por lhes entregar a bola

numa tentativa frustrada de decisão; embaraçados com essa tática de polvos tentaculares que os inabilitava, de forma que os árbitros do nosso país puniriam como irregular, os jogadores portugueses não souberam impôr uma superioridade técnica que, de facto, possuíam.

O problema precisa de ser cuidadosamente estudado; assimilando, por um lado, os preceitos em uso, embora sem os patrociná-los; diligenciando, simultaneamente, encontrar a forma de os combater, para salvaguardar da beleza espectacular e desportiva do andebol, reduzido a normas que se não coadunam com o nosso temperamento e espírito de improvisação.

Já em Paris se esboçou um projecto de reacção dos países latinos, baseado na modificação das regras actuais com a abolição, pura e simples, das deslocações. Sendo livre a colocação do atacante em qualquer ponto do terreno, fica aberta brecha no aborrecido muro do sistema nórdico.

S. C.

É O SEU CARRO
QUE LHE PEDE...



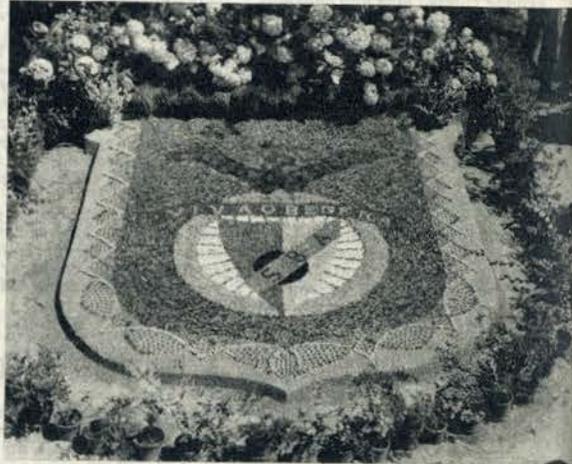
Sociedade Nacional de Petróleos

O BENFICA EM ABRANTES



ATLETISMO - Juniores

Nas duas últimas jornadas do campeonato de Lisboa-juniors: — a chegada dos concorrentes aos 150 metros; a seguir a última fase dos 2.000. À direita: a equipa de 3x300 do Sporting



O S. L. Benfica foi recebido com muita simpatia em Abrantes, onde tem uma filial. Deslocou-se para ali o S. L. e Saudade, que jogou e venceu por 2-0. As forças vivas de Abrantes, como se vê no primeiro plano, tomaram parte no cortejo; e num lindo jardim foi inaugurado o distintivo, em flores, do Benfica

O F. C. P. perdeu no PORTO

Com surpresa geral, o Ferroviários, de Campanhã, venceu o F. C. P. por 9-4, para o campeonato nacional de andebol. Os vencedores mereceram ganhar e devem ter eliminado o campeão nacional da actualidade



NÚMEROS E CURIOSIDADES DA MAIOR PROVA DO FUTEBOL PORTUGUÊS (3)

Clube de Futebol "OS BELENENSIS"

DEPOIS duma fase vacilante, no princípio da época, que lançou pânico nas bancadas dos sócios, o Belenense iniciou o Campeonato num ritmo excelente, com preciosíssimas vitórias sobre os mais directos rivais. Assim, caíram sucessivamente, o Benfica, por 4-1. F. C. Porto, por 2-0, e o Sporting, por 5-2. Só o «Estoril» escapou nesta onda que tudo devorava. Foi no Campo da Amoreira, que o magnífico «ataque» estorilense venceu a não menos excelente «defesa» dos «azuis», por 5-2! Rezam as crónicas do encontro que os avançados da Costa do Sol deram uma lição de eficiência e de demarcação a uma «defesa» que tem fama em toda a Península Ibérica, e que nessa tarde ciozenta esta consentiu mais golos do que os sofridos nos sete jogos anteriores. Foi um percalço que lhes fez interromper uma brilhantíssima série de oito vitórias consecutivas, sem uma única derrota ou empate (se incluímos neste número o jogo contra o Vitória de Setúbal, realizado depois por motivo da visita do Belenense a Madrid).

Admitimos que o toque se fez sentir no ânimo daquela muralha humana — que é o quarteto defensivo belenense — ou, mesmo, em toda a equipa, abstrahindo já os inevitáveis reflexos das desinteligências internas. A desorientação e a desmoralização

foi clara no desafio seguinte, quando «O Elvas» foi recebido nas Salésias, para regressar depois com um honroso empate que fez despertar atenções para o «team» elvense — e para a debilidade da linha avançada do Belenense, a despeito de possuir jogadores de grande valia...

Todavia, como o Benfica, nesse mesmo dia «escorregou» no seu próprio campo, contra os próprios vencedores da jornada antecedente, o Belenense voltou a partilhar do «comando» das classificações, com o Sporting. Na duodécima tirada, os «leões» perderam no Porto, e, então, os «azuis» isolaram-se, de novo, no 1.º lugar da tabela, até à 15.ª jornada, quando sofreram a sua segunda derrota da prova, frente à equipa da camiso'a encarnada. Contudo, os «azuis» não perderam, ainda nessa altura, a sua posição de «leader», dada a superioridade do seu «goal-avaraço» sobre os seus dois mais directos competidores.

A oito jornadas do fim ainda voltou a isolar-se no topo da classificação, mas estava predistinado que a valorosa turma de Amaro não conseguiria jamais o êxito final almejado. A inesperada derrota em Vila Real de Santo António foi o presépio do descalabro que desde então atingiu o «team» de B.lem. A equipa que começara o Campeonato com sete

triunfos de enfiada, terminou-o sem glórias, com quanto os seus jogadores já mais desmerecessem em brilo e correção.

Enquanto o Benfica e o Sporting iam derrimindo entre si a primazia, o Belenense, enjetado pela sorte, foi acumulando reveses, no último terço da prova: duas derrotas (de novo contra o Estoril, e «O Elvas»), três empates fora (Atlético, Sporting e Olhanense) e duas vitórias, nas Salésias: com o Boavista e com o Sporting de Braga.

O 3.º lugar da classificação final foi o prémio, aliás não deslocado, para a carreira que se iniciara prometedora, se mantivera resistente ao vendávil que se desencandeou a meio da prova — para acabar numa queda vertical que nem a presença de tantos «internacionais» (e eles formam metade da equipa!) conseguiu evitar...

A actuação dos jogadores

Se a linha avançada é o ponto forte do Sporting, a linha média e do Benfica, no Belenense é o sector defensivo o melhor compartimento da equipa. Por isso o «conze» nacional tem, como base, defesas «azuis», médios «encarnados» e avançados «verdes»... (E metendo foice em seara alheia, sempre diremos que, para



que o «c lorido» não resulte monótono, antes bem talhado, é necessário que a combinação de cores seja perfeita, que ali e acolá apareça uma pincelada de mestre num tom «azul-branco» ou um doirado das espigas do trigo alentejano...

Na defesa e meia defesa, o Belenense possui nada menos de cinco internacionais, todos eles experimentados ainda nesta época.

(Continua na pág. 14)

PAVILHÃO dos Desportos UMA REALIDADE PORTUENSE

Estudo da fachada principal do Palácio dos Desportos do Porto

A população desportiva do Porto, mesmo de todo o Norte do país, foi recentemente fustigada com uma notícia agradável: — «Sempre teremos no Palácio de Cristal, até aqui inútil, um recinto destinado aos desportos».

Finalmente!

E logo os jornais do Porto, imprensa bairrista, sempre na primeira fila de todas as iniciativas, se dedicaram mais uma vez ao assunto. Com entusiasmo, tendo fé, batendo-se pelo progresso da sua cidade, Contou-se então que o Palácio dos Desportos em substituição da nave e seus anexos depois de passar por Palácio de Exposições, quando preciso, seria um facto dentro de pouco tempo.

Eis, em breve resumo o que consta do projecto:

O edificio esboçado será construído no mesmo local onde estes se encontram e terá uma superfície coberta de dez mil metros quadrados, quer dizer mais três mil e quinhentos metros quadrados do que o existente.

O novo Palácio de Cristal compor-se-á: duma grande nave central destinada a exhibições desportivas e exposições dum corpo na fachada destinado a salão nobre e recepções; duma piscina coberta situada na parte posterior do edificio e aberta para o actual lago; dum restaurante e uma sala de pequenos espectáculos, respectivamente a Leste e a Oeste da piscina.

A nave central é, em planta um grande rectângulo com cobertura abobadada, cujo arroj. de construção não tem paralelo em Portugal não e constituirá uma realização das mais notáveis em toda a Europa.

O vão livre, de pilar a pilar, é de 55 metros e as vigas resistentes serão em betão pre-esforçado, género de construção ainda não experimentado entre nós.

Haverá uma área disponível para exposições de 9.100 m². o que representa uma conquista de espaço em relação ao actual, de mais de 3.100 m².

A nave central está projectada de modo a funcionar também como Palácio de Desportos, podendo ali praticar-se quase todas as modalidades desportivas próprias de espectáculos nocturnos.

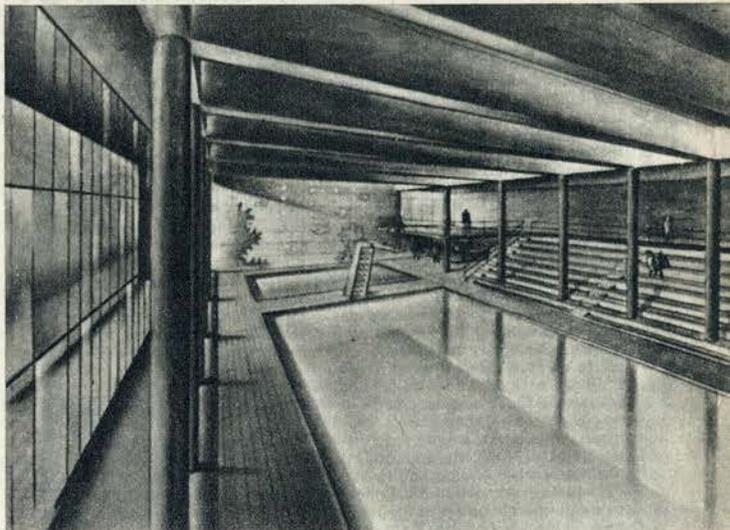
A lotação média do público para competições de pista é de 4.000 lugares podendo subir a mais de 8.000 em caso de grandes competições. Notemos que o Palácio de Desportos de Montreux onde há meses se realizou o Campeonato Mundial de Oqui em Patins, tem apenas uma lotação de 3.000 lugares. Os lugares previstos são sentados e com perfeita visibilidade.

Em competições sem pista, como box, luta, etc., prevê-se a lotação de 10 mil lugares. Na nave central poderão realizar-se espectáculos culturais e históricos e assembleias políticas, pois a sua capacidade de lotação é de 12 mil lugares.

Na fachada principal com 55,00 m. de largura aparece um primeiro andar o salão nobre cuja área é de 83 m². incluindo anexos e um «hall» de acesso com a área de 780 m². Portanto o corpo que forma a fachada principal antecede a grande nave central tem uma área de 1.660 m², que corresponde a um rectângulo de 55,00 metros a frente do edificio por 30,00 metros de fundo.

Não será «isto» muito bom? Não o merece uma cidade laboriosa e desportiva como a capital do Norte? Temos servido, dentro desta Revista, as suas aspirações; e confessamos que a par de Lisboa, de todo o país, afinal, a Stadium coloca sempre em bom nível os ansios de quem pretenda impor-se. Este desejo do Porto, portanto, é digno de ser amparado, dada a sua justiça e a influência que pode vir a ter no progresso do desporto nacional.

Que Portugal progrida de lés a lés. Não queremos outra coisa. Stadium, orgulhosamente, pertence a todos os centros que à Educação Física se entregam dedicadamente, — e mais de uma vez o temos provado. Exteriorizamos o nosso contentamento porque alguma coisa se vai conseguindo!



A piscina coberta terá este curiosíssimo aspecto interior

DOIS CONCORRENTES ÀS OLIMPIADAS DE LONDRES



Carlos Botelho, da mesma colectividade, concorrerá também em Londres, em pistola de guerra



Abílio Brandão da Sociedade de Tiro N.º 43, anexa ao Clube Fluvial Portuense, seleccionado para os Jogos Olímpicos em carabina

Números e curiosidades

(Continuação da pág. 12)

Vasco, Feliciano e Serafim formam uma linha possente, inigualável em Portugal, quicé em toda a Península... Os dois últimos possuem indiscutível classe, embora Feliciano não esteja na sua melhor forma e a sobriedade de Serafim não sejam de molde a inspirar hoje tão grandes êncimios. Quanto ao defesa-direito é sabido que o seu temperamento fogoso e pouco disciplinado que o impede de enfileirar no mesmo plano dos seus categorizados companheiros. O reserva David, quando jogou, nunca destoeu nem comprometeu a equipa.

Uma defesa de tal quilate é natural que inspire confiança excepcional ao guarda das redes. José Sério, caracteristicamente calmo e sóbrio, enquadra magnificamente neste veloz elenco, tal como Cepela fizera antes dele. A sua regularidade no Campeonato valeu-lhe a «internazionalização», que, aliás, redundou num fracasso, porque, afinal, os nervos que pareciam de aço, quebraram-se ante responsabilidade tamanha de defender a baliza de Portugal.

Amaro e Figueiredo — os médios volantes — Quaresma e Duarte — os interiores — formarem o chamado «quadrado mágico» do sistema láctico W M, quando foi posta de parte a famigerada táctica de «quatro avançados em linha», cujo figurino chegou a ser copiado pela Seleção Nacional em Madrid, com lastimáveis resultados.

São quatro jogadores que sabem conduzir e passar a bola, com destaque para o capitão dos «azuis» e de Quaresma, exímios na arte de controlar o ataque. Pudesse a linha avançada belenense contar com um ou dois elementos de grande remate, forte e preciso, como o de Araújo ou Patolino — e teríamos, sem dúvida, uma equipa de primeira grandeza!

Teixeira da Silva, embora fosse o belenense que mais golos marcou e se ter classificado em 7.º lugar na lista dos marcadores deste Campeonato, não é, segundo crítica unânime, o avançado-centro que há muito o clube de Belém necessita. Mas é voluntarioso — e isso é uma qualidade que não é para desprezar, contudo.

O Belenenses «lançou» este ano alguns novos avançados, e dum modo geral todos deram boa conta do recado. Duarte, o interior-esquerdo, foi o que mais se notabilizou, cotando uma das mais esperanças revelações da época. O seu estilo lembra outro famoso interior — Travaços — e, sem dúvida, está ali um jogador de futuro. Possui ainda escasso poder físico, o que, numa prova duríssima como é o «Nacional», acaba fatalmente por vir ao de cima...

Nunes, transferido do Vitória de Setúbal, é um bom jogador, mas inegavelmente o seu verdadeiro lugar é o de interior e não o de extremo. Em compensação, o jovem Matos, experimentado nos últimos jogos, deu-nos a impressão que é um elemento a «trabalhar» no problemático posto de ponta-direita do «team» de Belém. No lugar oposto, Narciso deu-nos o protótipo do jogador entusiasta que joga com alegria e ama a luta, sem nunca se poupar a energias para que a sua equipa caminhe para a vitória. Como o seu parceiro Duarte, classificou-se entre os segundos marcadores de lentos do Campeonato, nos respectivos postos.

Números e curiosidades

O Belenenses ficou este ano a quatro pontos do campeão. Esta diferença parecerá pequena se nos lembrarmos que, na época passada, havia... catorze pontos de diferença (!) entre o Sporting e os terceiros classificados (o trio F. C. do Porto, Belenenses e Estoril). Os



FELICIANO

azuis marcaram, neste campeonato, 76 golos (meis dez que no anterior) e sofreram apenas 30 golos (meis um que em 1947!) Obtiveram 10 vitórias em casa e 6 fora; 2 empates em casa e 3 fora; uma única derrota nas Salésias e 4 no campo adversário.

Atendendo ao número de golos marcados, o Belenenses classificou-se em 4.º lugar; em bolas sofridas, o lugar de honra pertence-lhe, como não podia deixar de ser... Nas Salésias, os «azuis» alcançaram meia centena de golos, e nesse particular só o Sporting e o Estoril lhe levam a palma. Fora de casa, marcaram apenas 26 — e então a «colação» desce para 5.º, com todos os grandes à frente. Mas

em matéria de bolas sofridas, a «música» é outra. O Belenenses deve ter alcançado um recorde difícil de igualar pois, mau grado os desejos que efugiram a equipa, em dada altura, sofreram apenas 9 golos no seu campo, em 13 jogos disputados lá, dos quais sete o marcador manteve-se em branco até ao fim, para e banda do adversário! Ao todo, Sério teve onze desfeitos em que não sofreu golos!

O Belenenses obteve média geral (pelo conjunto dos dois jogos com cada clube) favorável contra todas as equipas, excepto com o Estoril e Elves. Com o Atlético empatou os dois jogos. O resultado mais rotundo alcançado pelos «azuis» foi o do desafio com o Vitória de Setúbal (7-1) Fora de casa, foi contra a Académica (4-0).

Os golos do Belenenses foram obtidos pelos seguintes jogadores: Teixeira da Silva, 17; Quaresma e Duarte, 13; Narciso, 12; Nunes, 9; Feliciano, 5; Rocha e Matos, 2; Andrade e Figueiredo, 1.

Os jogadores que alinharam em todos os jogos foram: Sério, Feliciano, Serafim, Figueiredo e Narciso. Com uma única «falha»: Amaro e Quaresma. Com 23 jogos: Duarte e Vasco, 21; Teixeira da Silva, 20; Nunes, 19; M. Rocha, 7; David, 6; Andrade, 5; Matos, 2; Conceição, Martins e Rafael, 1 jogo.

Classificações obtidas pelo Clube de Futebol «Os Belenenses» nos três últimos Campeonatos de Por-



AMARO

tugal: 1946-47 — 4.º lugar, com 14 vitórias, 5 empates e 7 derrotas; 66-31, em bolas.

1945-46 — 1.º lugar, com 18 vitórias, 2 empates e 2 derrotas; 74-24, em bolas.

1944-45 — 3.º lugar, com 13 vitórias, 1 empate e 4 derrotas; 72-29 em bolas.

O Belenenses ganhou por quatro vezes a «Taça de Portugal», três das quais em 1927, 1929 e 1933, então o título de campeão nacional.

Vasco C. Santos

A seguir: G. D. Estoril Praia.

ANDEBOL

O CAMPEONATO NACIONAL

JOGARAM-SE no domingo os primeiros desfeitos das meias-finais do campeonato nacional de andebol, prova a que concorrem este ano os dois primeiros classificados dos torneios regionais de Lisboa e do Porto, visto a novel Associação de Coimbra não ter terminado a tempo a sua prova.

O capricho do sorteio opôs entre si os representantes da mesma região e assim tivemos: Ferroviários-F. C. do Porto, com a surpreendente vitória do primeiro por 9-4; e Sporting-Belenenses, que empataram a 1 bola, num jogo despojado de qualquer interesse e no qual os dois grupos primaram em exhibir-se de forma mais inferior.

Se são realmente aqueles os dois melhores conjuntos abulistas da capital, se não sabem mais e melhor do que aquilo, a verificação é desoladora.

Assistiu-se de começo a final a manobras de paralisação irregular do adversário, com predomínio de alguns elementos belenenses, Macera e Natividade, sobretudo o primeiro, que se pode dizer não ter feito outra coisa durante a hora que esteve no campo, senão placar os antagonistas que lhe passavam ao alcance. Sucederam-se as entradas dures, por seito ou golpe ao braço, em que exageraram o sportingista Vitel e o belenense Velério.

No capítulo do ataque, ambas as linhas deram prova de incapaci-

dade; marcar uma única bola durante o encontro é certificado suficiente atestado de fraqueza e incerteza de remete.

Dois jogadores apenas nos merecem citação plenamente positiva: o defesa Mira, cujas intervenções de antecipação foram primorosas e cujas entradas são sempre regulares e o guarda-redes Almasqué, de atenção sempre alerta e de felina agilidade.

Se o apuramento do Ferroviário parece assegurado, a indicação do representante lisboeta fica inteiramente dependente do resultado do jogo de domingo próximo, nas Salésias. Esperamos por melhor exibição, para despedida do andebol no seu feúdo lisboense.

Dois palavras ainda sobre a arbitragem de Jesus; correcta e uniforme de critério, pode ser classificada de boa. No entanto, fez-nos verificar que os árbitros portugueses têm, sobre certos pormenores de jogo, uma ideia falsa e diferente de que existe no campo internacional.

Assim, por exemplo, o tempo de demora com a bola na mão é contado demasiado rápido para efeitos de punição; também notamos haverem sido punidos jogadores por fazerem obstrução de braços abertos; o que a lei consente livremente, tanto em relação ao portador da bola como a qualquer outro adversário.

José de Eça

Stadium

LEÃO DE OURO

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE

— BÀR —

CERVEJARIA — MARISCOS

Rua 1.ª de Dezembro, 89 a 99 — Telefone 2 6195 — LISBOA

DESPORTOS DO STICK

OQUEI EM PATINS

ESTÁ concluída a primeira volta do campeonato de Lisboa — que foi fértil em «contencimentos de vultos». Pare não fugir à regra (que se fez lei nos últimos anos) o Paço de Arcos vai mais uma vez... bem lançado a caminho, certamente, de novo e rutilante triunfo! Tal como estava previsto — ainda a competição não principiara! Nas sete partidas, registou outras tantas vitórias, marcou o maior número de golos (51) e os dois melhores *scorers* (os primos Correias) pertencem à equipa. Quere dizer: — mais um êxito em grande.

Mas nas categorias inferiores é o Sintra que predomina — apenas com uma derrota (do Sporting de Oeiras) em 3.^a. A carreira dos sintrenses, neste campeonato, tem sido realmente brilhante e compensadora de uma tenacidade e de uma força de vontade que não censem; oxalá possam ser mantidos no mesmo ritmo «acelerado» até final.

Na 2.^a Divisão, o Campo de Ourique (1.^a) e o Alenteu (2.^a) consideram-se favoritos, se bem que, na razão inversa de nomeação de clubes, ambos tenham adversário à ilharga e tão próximo que bem podem ser apedoados do pedestal.

Classificações do primeiro turno de competição.

1.^a Divisão:
Paço de Arcos: 7 jogos, 7 vitórias, golos 51-12 e 21 pontos. Sporting de Oeiras: 7 j., 4 v., 1 d., g. 23-18 e 17 pontos. H. C. Sintra: 7 j., 3 v., 2 e., 2 d., golos 36-18 e 15 p. Futebol Benfica: 7 j., 4 v., 3 d., golos 19-17 e 15 p. Benfica: 7 j., 2 v., 1 e., 4 d., golos 19-27 e 12 p. (5). Académica: 7 j., 2 v., 1 e., 4 d., golos 17-45 e 12 p. (4). Cascais: 7 j., 2 v., 1 e., 4 d., golos 17-22 e 12 p. (3). Lisgás: 7 j., 1 e., 6 d., golos 9-32 e 8 p.

Segundas-Sintra, 20 pontos e 47-12; Benfica, 17 e 29-19; Paço de Arcos e Futebol Benfica, 16, 41-24 e 33-22; Lisgás, 12 e 12-25; Oeiras e Cascais, 11, 18-26 e 11-31; Académica, 9 e 11-43. Golos: 202.

Terceiras — Sintra, 19 pontos e 54-13; Benfica, 17 e 29-16; Futebol Benfica e Paço de Arcos, 16, 36-22 e 27-17; Oeiras, 15 e 18-20; Académica e Lisgás, 11, 16-38 e 21-4; Cascais, 7 e 9-44. Golos 210.

2.^a Divisão:
Campo de Ourique: 5 jogos, 4 vitórias, 1 derrota, golos 34-12 e 13 pontos. Alenteu: 5 j., 3 v., 2 d., 30

los 23-17 e 11 p. (3). Parede: 5 j., 3 v., 2 d., golos 23-11 e 11 p. (1). Naval Setubalense: 5 j., 2 v., 3 d., golos 14-24 e 9 p. Cuf do Barreiro: 5 j., 1 v., 4 d., golos 9-25 e 7 p. (3). Oquei C. P.: 5 j., 1 v., 4 d., golos 9-23 e 7 p. (1).

Segundas — Alenteu, 9 pontos e 22-12; Oquei C. P., 3 e 1-33. Golos: 53.

Marcaram-se por conseguinte, nos 105 desfeitos (84+21) da primeira volta, 768 golos (1.^a Divisão: 191+202+210; 2.^a Divisão: 112+53). O maior número pertenceu, portanto, à última categoria da divisão principal. É no que respeita aos três melhores resultados: 1.^a categoria — 15-1 do Sintra à Académica, 14-2 do Paço de Arcos à Amadora, 11-2 e 10-1 do Paço de Arcos aos Lisgás e do Campo de Ourique ao Oquei C. P. (2.^a Divisão); 2.^a categoria — 18-1 do Parede ao Oquei C. P. (2.^a Divisão), 10-0 do Alenteu e do Sintra aos Cascais; 3.^a categoria — 14-0 do Sintra aos Cascais, 13-1 do Sintra à Académica e 12-2 do Futebol Benfica aos Lisgás. Quanto a individualidades: Vasco Velez (Sintra) — com 10 tentos contra a Académica — e Correia dos Santos (Paço de Arcos) — com 23 golos feitos no geral — são os recordistas da marcação de pontos. Melhores marcadores na generalidade: o mencionado Correia dos Santos, 23 (6 num desfeito); Jesus Correia, 21 (três vezes cinco); José Lisboa, 14 (6); Velez (10) e Olivério (4), com 12; José Henriques, 10 (4); José Pires (3) e Joaquim Miguel (2), com 8; António Reis, 8 (2). Anotam-se, entre parenteses, os golos marcados num só jogo — nos tentos — na circunstância de Jesus Correia haver repellido...

Em conjunto, os números dos diferentes clubes, para aqueles com mais de uma turma, cifram-se no seguinte: 1.^a divisão — Sintra, 54 pontos e 137-43; Paço de Arcos, 53 e 119-53; Futebol Benfica, 51 e 88-61; Benfica, 46 e 77-62; Oeiras, 43 e 59-64; Académica, 32 e 44-126; Lisgás, 31 e 42-97; Cascais, 30 e 37-97. 2.^a divisão — Campo de Ourique e Alenteu, 20 pontos, 44-18 e 43-19; Parede, 16 e 45-23; Hóquei C. P., 10 e 10-56. Repere-se na bela carreira do Sintra — mercê das suas categorias inferiores — e na «quasi» igualdade (mesmo número de pontos e um golo de diferença) entre ouriqueenses e cecelestes. Mas tenha-se em elenção que o Paço de Arcos é tri-campeão...

OQUEI EM CAMPO

EM Paris defrontaram-se as equipas da França e da Espanha. Ganharão os galeses por 1-0. Quando veremos nós em Portugal um desfeito com qualquer outra nação... com a Espanha, por exemplo?!

✦ A equipa da SEV de Múrcia esteve no Porto e jogou contra os universitários norteños. Resultado: empate de 1-1. A equipa do Porto foi convidada a visitar Múrcia brevemente. Lisboa, claro, continúa adormecida... O que faz realmente pena.

✦ O campeonato lisboense está em fase de conclusão. A vitória não deve já fugir ao Benfica. Quem será 2.^o?!

Jorge Monteiro

Uma entrevista oportuna

com o sr. tenente-coronel

IVENS FERRAZ

(Continuação da página 5)

— O Concurso de Madrid foge um pouco aos moldes dos Concursos Internacionais, porquanto tem lugar numa pista com 200 metros de comprimento e 100 de largura, o que equivale a dizer-se que os obstáculos são demasiadamente afastados. Assim, as provas — principalmente as dos primeiros dias — são em regra bastante fáceis o que dá lugar a que se façam os percursos tirando os cavalos do seu galope e dando ao coeficiente «sorte» um valor capital para a classificação.

E a reforçar a sua maneira de ver o chefe da nossa equipa continua:

— Os obstáculos duplos e triplos que constituem sempre uma dificuldade em qualquer concurso, são geralmente substituídos por triplos, quádruplos e até seistuplos mas com alturas crescentes em que o primeiro obstáculo chega a ter apenas 1.^m, 10. Desta maneira desaparece a grande dificuldade da execução do primeiro obstáculo, porque este proporciona ao animal uma fácil entrada. Como os outros estão a uma distância bem medida, o cavaleiro limita-se apenas a «empurrar».

— E quanto às suas dimensões? — inquirimos.

— Os obstáculos nas provas de maior categoria tinham as dimensões de harmonia com a importância das mesmas mas, o que é verdade, é que até estas estavam despidas de qualquer dificuldade, sendo até muito empregado o «obstáculo de chamada» para facilitar a marcação do salto. Ora é precisamente nas provas difíceis que os melhores cavalos se salientam.

Nas fáceis, aumentam muito as possibilidades dos outros, tornando muito mais numeroso o grupo de favoritos.

Concorremos portanto em Espanha com sete cavalos que defrontavam diariamente cerca de quarenta espanhóis. Todos com possibilidades...

— Mas conseguirmos-se 24 prémios — interromptos —

— E note que nos percursos da «Generalissimo» e «Regularidade» classificamos cinco dos sete cavalos de que dispunhamos e no «Grande Prémio» seis, tratando-se das provas já mais difíceis.

— Mas — sr. tenente-coronel — os nossos cavalos são tão rápidos como os espanhóis? — perguntamos nós com interesse.

A resposta do nosso intelecutor não se fez esperar:

— Sem dúvida. Olhe que na «Deputacion» o «Zuari» igualou o tempo de 1.^m 15 de «Quorum», paralizado, no entanto com um derube. Na «Gañadores» o «Optus», embora com igual penalização, bateu o tempo do vencedor e o «Vouga» perdeu o «Grande Prémio» por 1/5 de segundo...

— A cronometragem?

— Era eléctrica e todos os tempos eram por mim confirmados. Quisemos saber a opinião do tenente-coronel Ivens Ferraz quanto ao comportamento da nossa equipa. Eis a sua resposta:

— A actuação dos cavaleiros por-

tugueses foi boa. Todos se apresentaram bastante bem, com calma e com confiança em si próprios.

— Quanto aos cavalos?

— Sentiu-se muito a falta de «Alcoa» e de «Xerez». O primeiro chegou a ir a Madrid, mas adoeceu e não entrou. O segundo ficou a descansar em Lisboa tendo em vista os Jogos Olímpicos.

Satisfaz-me a actuação de todos. Com um pouco de sorte teriam trazido primeiros prémios. Olhe que além das provas já citadas, o «Raso» esteve à frente da classificação na «Generalissimo», até quase ao fim.

— E «Namuli»...?

O tenente-coronel Ivens Ferraz percebeu talvez as nossas reticências e ilucidou-nos.

— Lançou-se mão dele por se tratar de um dos 12 cavalos considerados da representação nacional.

— Não seria preferível «Bajone», para não falar no «Congo» que é «praça» de oficial?

— O «Bajone» apresentou-se o ano passado pouco certo e como este ano, em Lisboa, apesar de melhor, se me afigurou longe de poder esperar dele uma boa actuação em Madrid, preferi experimentar «Namuli».

Já a findar a entrevista o chefe da nossa equipa fala-nos da organização do Concurso, que classificou de boa. No entanto, quando começaram as provas internacionais todos os cavalos com «handicap», e entre estes, todos os que vieram a Lisboa, tinham entrado na parte nacional realizada no mesmo campo e com os mesmos obstáculos, o que não é costume fazer-se.

As últimas palavras do nosso entrevistado foram de congratulação pela forma como «Stadium» se referiu mais uma vez ao Concurso de Lisboa, o que sinceramente nos apraz registrar.

Antas Teixeira

Ténis de mesa

O Benfica é de novo campeão nacional

Terminou no sábado a disputa do Campeonato Nacional de Ténis de Mesa, por equipas, que a Federação fez desenrolar no Porto.

O Benfica, que chegou ao último dia da prova em igualdade de vitórias com o Sporting, venceu este por 6-3 e conquistou, assim, o título nacional, que acumula com o regional.

Julio Costa é o novo campeão nacional

Também no Porto se disputou o campeonato individual, que terminou com a vitória do campeão de Lisboa, o benfiquista Julio Costa.

A final, que proporcionou luta emocionante, pôs frente a frente o actual e o antigo campeão, o sportinguista Gago da Silva.

Julio Costa é o primeiro atleta da modalidade a reunir a posse dos dois títulos num ano.

CALÇADO

De especial qualidade e manufatura, para todas as modalidades desportivas

Artigos para todos os desportos por preços sem competência

CASA SENA
R. NOVA DO ALMADA, 48-52
LISBOA

OS GRANDES COMBATES de BOXE QUEM GANHARA'ESTA NOITE? LOUIS ou JERSEY JOE WALCOLT



Este cidadão respeitável e bem posto, levando pela mão o mais pequeno dos seus seis descendentes é Jersey Joe Walcott, adversário de Joe Louis, esta noite, em Nova York

HOJE à noite, pelas 23 horas do meridiano de Nova York, o vasto campo do Yankee Stadium, onde se costumam celebrar os desafios de baseball, será teatro do mais discutido e palpitante combate de boxe destes últimos anos.

Frente a frente, mirando-se como dois tigres à cata da mesma presa, os negros Joseph Louis Barrow e Arnold Raymond Cream, mais conhecidos pelos nomes de guerra de Joe Louis e Jersey Joe Walcott, estarão diante um do outro, prestes a saltarem como canibais sobre o título de campeão do sêco de todas as categorias.

Trata-se de uma desforra. Em 5 de Dezembro de 1947 a opinião pública classificou o resultado do combate como um roubo autêntico e exigiu novo match, para dirimir a contenda que se erguera subitamente. Por isso, reina uma verdadeira febre nos espiritos dos cidadãos apaixonados pela esgrima de punhos e o único medicamento anti-pirético, capaz de abaixar o nível do termómetro, tem a forma retangular dos bilhetes de admissão, habituais em todos os espectáculos. Consoante a dose de excitação de cada um, a capacidade monetária das respectivas carteiras e o poder de aumento dos binóculos (pois os lugares baratos ficam tão longe da arena como se esta estivesse fora do planeta e neutro astro do sistema solar...) assim existem à venda tickets para 50 dólares — as cadeiras de ringue — e para 5 — a "geral" da peonagem.

Os dois negros, volumosos e luzidios como dois rinocerontes amestrados, têm-se dedicado, pertinazmente, a zurrir os queixos dos ajudantes e os sacos de areia, onde podem estudar as manobras dos seus punhos.

Isto tudo, desta vez, para gáudio dos brancos, que pagam para assistir àquele choque. Todavia, o conflito celebra-se entre dois veteranos; um, Walcott, muito bem conservado e apumado, o outro, Joe Louis, vencido antecipadamente pelo bom passado e anafado como um sênego negro.

Não se topa, neste conflito, o sopro conquistador da juventude, a arremeter contra a veteranias, coisa de matizes, sômente.

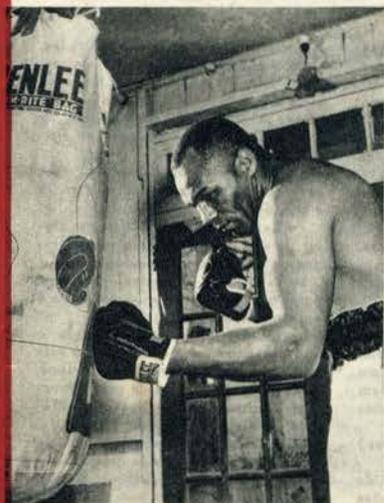
Existe sim, uma vaidade ferida e profundamente chorada. Porque o hiper-campeão Louis, afoa a vez em que Max Schmeling o humilhou e pôs fora de combate, em 1936, jamais se viu tão rediculizado como na noite de 5 de Dezembro. Sangrando da boca e do nariz, com o olho esquerdo reduzido à simples condição de fresta, pela qual se escava um fio de luz, ouviu a maior patada que se consegue imaginar, mesmo com grande dose de boa vontade.

Hoje à noite quem sairá vitorioso? É um tanto ou quanto arriscado o prognóstico. Se é certo que Jersey Joe merecia o triunfo, na primeira vez que ambos se enfrentaram, ou na hipótese menos favorável, o empate, também é certo que Louis não se apresentou no rectângulo preparado para um combate decisivo e sem quartel.

Julgamos que a agilidade de Walcott o surpreendeu e outrotanto não sucederá esta noite, com toda a certeza. Considerando isto, e o facto de Walcott subir ao ringue com confiança a mais — excesso demasiado nocivo para quem enfrenta um inimigo com dinamite nos dois punhos — vamos pelo campeão, embora contra os melhores prognosticadores e, até, contra a melhor lógica.

Mas nestes casos de palpite, o instinto é mais seguro conselheiro.

R. Barredas



Deste modo se treinou Walcott com muitas semanas de antecedência. Cada golpe sobre o saco de areia levava um endereço: «Para o maxilar de Joe Louis». Vejamos se assim acontece logo à noite!

O BENFICA triunfou na «Taça Cosme Damião»



A equipa de «reservas» do Sport Lisboa e Benfica que, com brilhantismo, conquistou a «Taça Cosme Damião»



PNEUS
E
CÂMARAS DE AR

MABOR

Produção da
MANUFACTURA NACIONAL
DE BORRACHA



Stadium